



GRAMATICALIZAÇÃO: UMA PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO DO VERBO *DAR*

Luana Carvalho Coelho*****
(UESB)

Valéria Viana Sousa††††††††††
(UESB)

Jorge Augusto Alves da Silva††††††††††
(UESB)

RESUMO

O verbo *dar*, em questão, tem sido apresentado pela tradição gramatical da língua portuguesa como responsável por atribuir papel temático aos argumentos. No entanto, observando o seu uso na língua, em diversos contextos de fala, verificamos o surgimento de novas categorias gramaticais às quais este verbo se relaciona e, assim, a sua polifuncionalidade. A partir dessa perspectiva, tenciona-se com esse estudo refletir sobre a natureza polissêmica do verbo *dar* no português brasileiro à luz da teoria Sociofuncionalista a fim de investigar as alterações sofridas por esse verbo.

Mestrando do Programa de Pós-graduação Linguística – PPGLIN na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Bolsista FAPESB. Integrante do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo. (luanacoelho90@hotmail.com)

**Doutora em Letras (área de concentração em Linguística e Língua Portuguesa) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Professora Titular da Área de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, coordenadora do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. (valeriavianasousa@gmail.com).

*** Doutor em Letras (área de concentração em Linguística Histórica) pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Professor Titular da Área de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, coordenador do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. (adavgvstvm@gmail.com)

††††††††††
††††††††††



PALAVRAS-CHAVE: verbo dar, polifuncionalidade, Sociofuncionalismo.

INTRODUÇÃO

No século XIX, o linguista francês Antoine Meillet, muitas vezes apresentado como discípulo de Ferdinand de Saussure, apesar de suas posições entrarem em contradição com alguns pressupostos saussurianos, definiu a língua como um fato social, unindo estrutura e história. Em 1964, por iniciativa de William Bright, pesquisadores se reuniram para uma conferência sobre sociolinguística. Em seus estudos, Bright observa que a variação é correspondente às diferenças sociais sistemáticas. William Labov retoma as ideias de Meillet quando publica em 1966 seu estudo sobre as estratificações do /r/ nas grandes lojas de Nova York. Labov deixa claro que o seu objetivo de estudo é a evolução da linguagem no seio do contexto social formado pela comunidade linguística. A variação linguística começa, então, a ser compreendida e reconhecida como sistematizada. Existe uma crescente percepção de que a base do conhecimento linguístico tem de ser encontrado na língua usada na vida diária por membros de uma sociedade.

Nesse sentido, considerando que o processo de variação na linguagem está relacionado a fatores sociais, percebe-se que essa modalidade se diferencia das normas estabelecidas pela gramática normativa. Inovações surgem constantemente e novos conceitos, significados, palavras vão se formando. Nesse processo de mudança linguística, percebe-se que os fenômenos da linguagem são muito mais complexos que regras estabelecidas, podendo fugir ao preconizado pela norma padrão para atender às necessidades comunicativas dos seus falantes. Presentes nessa renovação da língua, os verbos são os principais elementos para a construção do discurso.

Dessa forma, o presente trabalho propõe uma reflexão sobre a natureza polissêmica do verbo *dar* no português brasileiro à luz da Teoria Sociofuncionalista para investigar as alterações sofridas por esse verbo. Com relação ao processo de



Gramaticalização, a pesquisa procura averiguar as características que afastam esse item da categoria lexical e o aproxima do caráter gramatical. Portanto, para investigar os novos sentidos atribuídos ao verbo *dar*, localizamos as ocorrências que continham esse verbo e realizamos a categorização em: verbo pleno, verbo predicador não pleno, verbo suporte, a estrutura dar uma x-ada e expressões idiomáticas. Além disso, com base nos estudos de Neves (1996/97), Scher (2004) e Esteves (2008), procuramos investigar a natureza polissêmica do verbo *dar* com base no *Corpus* do Português Popular e Português Culto de Vitória da Conquista

O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO

De acordo com Neves (1997), os estudos acerca do Processo de Gramaticalização tiveram início na China, no século X, mas foi no século XX, com Meillet, que ele foi definido pela primeira vez. O linguista conceituou Gramaticalização como “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma”.

Após Meillet, vários linguistas se interessaram por esse fenômeno, entre os quais se destaca a figura de Givón, que na década de 70, procurou mostrar que as línguas seguem o percurso: discurso > sintaxe > morfologia. Hopper e Traugott (1993) consideram que a gramaticalização como o processo pelo qual itens lexicais passam a servir a funções gramaticais e, já gramaticalizados, passam a desempenhar novas funções gramaticais, isto é, processo pelo qual um item sai do léxico e entra na gramática.

Hopper (1993), para tratar do Processo de Gramaticalização, propõe cinco princípios: o primeiro é o da **estratificação**, quando há o Processo de Gramaticalização, novas formas podem ser identificadas dentro do sistema linguístico. Essas formas coexistem com as formas antigas, isso é possível graças a constante emergência de novas formas para funções que dispõe de alguma configuração formal. As novas formas passam a conviver com as mais antigas e estabelecem uma relação de alternância que



pode ser explicada pela Sociolinguística. **Adivergência**, o segundo item, é proveniente da estratificação, as formas novas e as originais coexistem, sendo que as originais passam a sofrer mudanças; na **especialização** a nova construção passa a ser uma forma progressivamente obrigatória, deixando de ser uma escolha; a **persistência** consiste no fato de a forma, após passar pelo Processo de Gramaticalização, continuar com vestígios de seu significado original; por fim, a **descategorização**, que consiste na diminuição ou perda do estatuto categorial dos itens gramaticalizados.

Considerando as ideias Funcionalistas que defendem mudanças na gramática como resultado do uso social, devemos analisar a repetição do uso como mecanismo para o processo de gramaticalização. Travaglia (2007) diz que o fator básico sobre os verbos em gramaticalização é o uso frequente,

É preciso dizer que é muito comum que itens lexicais de uso muito frequentes tendem a se gramaticalizar, ou seja, a frequência é um fator que possibilita a gramaticalização. Como o verbo é uma categoria básica na constituição das sequências linguísticas e muitos deles são de uso muito frequente a hipótese é de que muitos verbos podem se gramaticalizar. (TRAVAGLIA, p. 308).

Deste modo, os estudos Funcionalistas sobre a mudança linguística tomam como aparato metodológico a gramaticalização para o desenvolvimento de suas investigações. Observamos que os estudiosos orientam uma gramática funcional em que língua é definida como um instrumento social de interação, tendo como principal função a comunicação. Na análise gramatical, incluem toda situação comunicativa: o propósito do evento de fala, seus participantes e seu contexto discursivo, considerando as relações entre as unidades e as funções das unidades, entendendo a gramática como acessível às pressões de uso.



O VERBO DAR

Observando o uso desse verbo na língua, em diversos contextos de fala, é possível verificar a sua descentralidade fazendo surgir novas categorias gramaticais com as quais esse verbo se relaciona configurando-se, assim, a sua polifuncionalidade. O fenômeno de Gramaticalização do verbo *dar*, em questão, não deve ser enquadrado apenas na categoria de esvaziamento semântico. Conforme Silva (2005), esse verbo vem assumindo uma expansão de sentidos desde muito tempo atrás.

Resgatar a origem do verbo *dar* trás à tona o seu conjunto de sentidos que acumulou desde os primórdios do seu uso. A autora ainda afirma que, no latim clássico, o verbo *dar* havia se cristalizado como estruturas lexicais construídas de verbo + nome quando essas expressam um significado e podem ser reduzidos a somente um item lexical. Para Silva,

Quer isso dizer que é possível proceder a uma análise das transformações operadas no verbo *dar*, tomando como suporte o estabelecimento de um ponto X (relativo a um dado momento da língua analisada) e um alvo Y (referente a outro período da língua analisada) para compará-los entre si e não somente apresentar uma abordagem diacrônica. (SILVA, 2005, p. 565)

Nesse sentido, o que uma palavra significa é uma construção das relações com sua base histórica e de seus sentidos em enunciações passadas.

Scher (2004) descreve a associação de construções com o verbo leve (CVLs), também conhecido como verbo suporte, com uma nominalização em “dar uma Xada em y”. A autora exemplifica essa construção com a oração *O Pedro deu uma incrementada na receita*, em que *x* representa increment- e *y* receita, essa sentença pode ser parafraseada por *O Pedro incrementou a receita* (p. 82). A autora parte dessa estrutura para afirmar que as CVLs com *dar* podem revelar uma interpretação descrita de modo sistemático, como no diálogo: *Mas ela emagreceu mesmo com a tal sopa? – Ah! Ela deu uma*



INFORMANTE	SEXO	IDADE
C.	Feminino	31 anos
E.	Masculino	83 anos
W.	Masculino	43 anos
M.	Feminino	52 anos

Português Culto

INFORMANTE	SEXO	IDADE
A.	Feminino	39 anos
J.	Feminino	54 anos
F.	Masculino	19 anos
J. C.	Masculino	21 anos

O VERBO DAR EM ANÁLISE

São muitas as mudanças operadas pelo verbo *dar*, quando ele se junta a um nome ou a outro verbo, visto que além de seu valor pleno de transferir, ceder alguma coisa, ocorrem variações do seu valor semântico básico. Nessa perspectiva, compreende-se que esse item seja polissêmico. A análise das ocorrências possibilitou destacar algumas categorizações às quais o verbo *dar* pode vir a pertencer, são elas: verbo pleno, verbo predicador não pleno, verbo suporte, a estrutura dar uma x-ada e expressões idiomáticas.

Alguns autores identificam o verbo pleno pelo seu conteúdo semântico, isto é, deve apresentar um sujeito humano, um agente responsável pela transferência física de um objeto concreto para outro sujeito. A forma plena mais prototípica do verbo *dar* foi encontrada apenas no *corpus* de um informante do português culto, um número muito inferior comparado as ocorrências com verbo suporte:

(1) Aí o pai *dá* um livro pra ele. (J.C./PC)

(2) Os pais num têm condição de *dá* aquele brinquedo pra ele. (J.C./PC)

Nos dois casos, um objeto concreto é transferido, um livro e um brinquedo, das mãos dos pais/pai para o filho. Assim, o verbo pleno apresenta comportamento lexical.



Segundo Esteves (2008), o *dar* é autônomo e está ligado a noção de transferência, é responsável por projetar argumentos e atribuir valor semântico.

Constatamos uma outra categoria semelhante ao verbo pleno, mas que se distancia um pouco por possuir outra extensão de sentido. Nesse caso, algo é transmitido, mas não é mais um objeto concreto, como no exemplo anterior, e sim algo que possui um traço mais abstrato, como na ocorrência 3, educação será o objeto transferido. Já o exemplo 6, *dá a mão* é uma expressão que significa ajudar, então, ajudar passa a ser o objeto abstrato que será transferido. Esteves (2008) nomeia essa categoria como *verbo predicador não pleno*.

- (3) Tem de saber *dá* educação. (C./ PP)
- (4) Pra num ficar *dano* trabalho pra minha mãe. (W./PP)
- (5) Vamo *dá* *todo* suporte que ele precisa. (J.C/PC)
- (6) Minha mãe sempre tava ali pra *dá* a mão. (J./PC)

Outra categoria analisada nos *corpora* se distingue um pouco da anterior, o verbo suporte. Essa categoria coloca em questão o princípio da economia linguística, visto que podemos encontrar na língua um verbo com o mesmo valor, como em: *dar amor*, amar; *dar um abraço*, abraçar. De acordo com Neves (1996), a escolha de um verbo suporte em detrimento de um verbo pleno revela a busca de obtenção de sentidos particulares, com essa substituição, obtém-se uma maior versatilidade semântica, ou seja, o emprego de um sintagma nominal (SN) permite a adjetivação do nome complemento do verbo suporte. Desse modo, pode-se obter maior flexibilidade sintática, maior adequação comunicativa pela marcação de registro, bem como maior efeito na configuração textual. Para o Funcionalismo, a existência de formas alternantes na língua traz alternativas semânticas para que o falante se expresse, dependendo do efeito particular que esteja buscando.



- (7) *Dá pra fazer um bom trabalho.* (J.C/PC)
- (8) *Num dá pra lembrar.* (A./PC)
- (9) *Dá pra sustentar... dá pra levar....* (C./PP)
- (10) *Tenho uma irmã que deu um câncer que caiu o cabelo todo!* (E./PP)
- (11) *Quando dava dez horas eu preocupava em voltar.* (W./PP)

O emprego do *dar*, em diferentes contextos pragmáticos discursivos, acarreta uma espécie de ressemantização. Processo que faz com que o item passe pela assimilação de algumas propriedades da categoria de verbo suporte. Nos exemplos 7, 8 e 9, o verbo possui uma extensão de sentido, podendo ser substituído facilmente por 'conseguir' ou 'é possível', como em (7) *É possível fazer um bom trabalho*, (8) *Num consigo lembrar* e (9) *É possível sustentar... é possível levar*. Ademais, em alguns casos do verbo suporte, o sujeito sofre a ação em vez de provocá-la, é o que ocorre no exemplo (10). O *dar* na ocorrência (11) substitui o verbo *soar*, que quase não é mais utilizado na linguagem oral. Nesse sentido, percebe-se que o *dar* passa a ter sentidos distintos à medida que o Processo de Gramaticalização avança. O fato de uma forma ser empregada em um maior número de contexto gera o aumento de sua produtividade e o esvaziamento semântico.

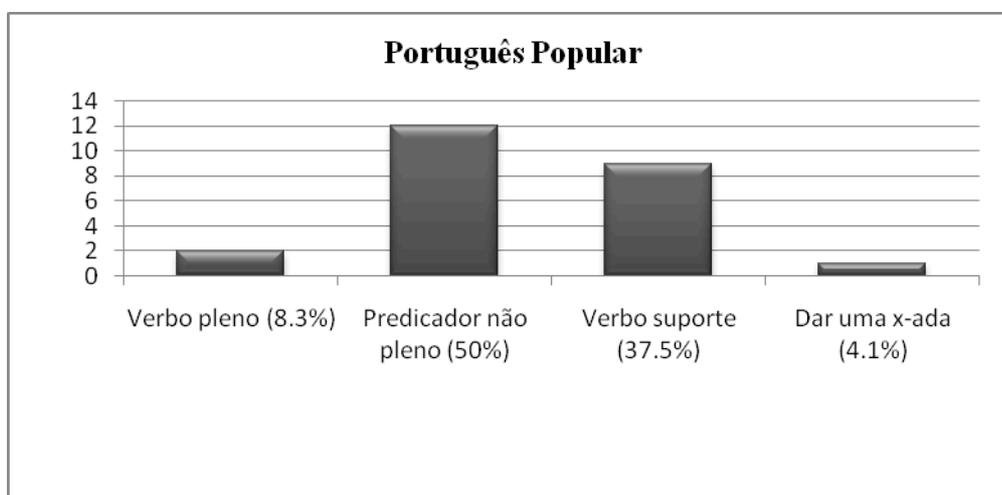
É comum afirmar que um verbo leve é vazio de significado, no entanto, é preciso ter cuidado com essa caracterização com o verbo leve *dar*. Scher (2004) propõe a estrutura *dar* uma x-ada para afirmar que as construções com *dar* podem revelar uma interpretação descrita de modo sistemático. Encontramos nos *corpora* dois exemplos, o primeiro, além da estrutura x-ada, o diminutivo indica que a viagem foi rápida, já o segundo indica uma rápida olhada.

- (12) *Dá uma viajadinha pra lá pra São Paulo.* (C./PP)
- (13) *Mas hoje pode dá uma olhada aí que todos tão aí.* (J.C/PC)

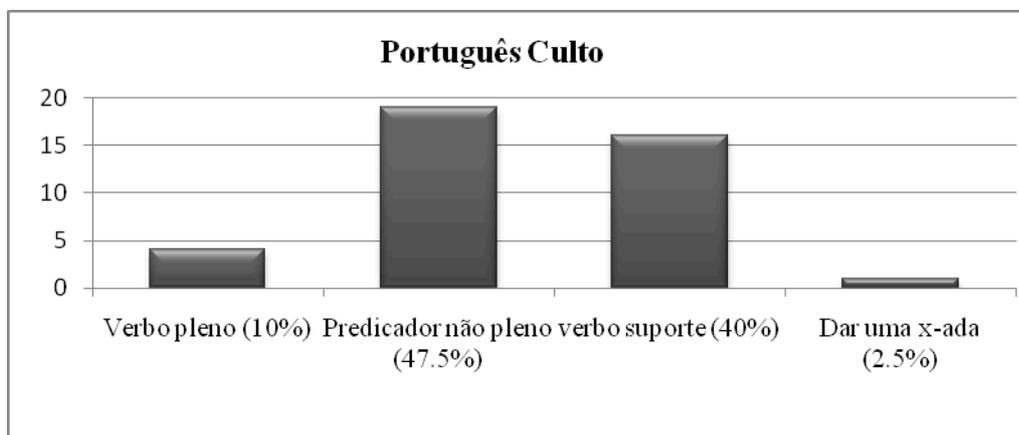
Com relação as expressões, foi encontrado nos *corpora* analisado apenas duas ocorrências. No primeiro exemplo, é mais comum ouvir a expressão “está osso” que pode significar uma situação difícil, em que a pessoa está tendo trabalho em resolver alguma coisa. Nesse caso, o informante diz “que dá o osso aqui”, porque precisa se esforçar muito para conseguir o que quer. No exemplo 15, o contexto permite que a expressão “dá um branco” seja parafraseada por “esqueci”.

- (14) A dificuldade é muito pra mim e eu tenho que ficar é aqui, eu tenho que *dá o osso* aqui (E./PP)
- (15) Deixa aqui se eu lembro... agora dá um branco. (E./PP)

Para concluir essa seção, é possível fazer uma análise quantitativa da categorização dos dados encontrados da seguinte forma:



Quadro 1: ocorrências encontradas no *corpus* do Português Popular.



Quadro 2: ocorrências encontradas no *corpus* do Português Culto.

Dentre as ocorrências analisadas, nota-se, portanto, a importância dos traços semânticos que diferenciam os graus de prototipia afastando o verbo *dar* do seu modelo prototípico. Na estrutura *x-ada* é possível notar o maior grau de Gramaticalização.

CONCLUSÕES

Notamos que o processo de Gramaticalização é o responsável pela capacidade categorial do verbo *dar*. Além disso, percebemos a sua potencialidade polissêmica e o comportamento sintático e semântico desse verbo. Diante do que foi analisado, na amostra em estudo, o verbo *dar* é mais utilizado como predicador não pleno (50.8%), o verbo é empregado em seu sentido prototípico apenas em 4.9% das ocorrências. Já o verbo suporte corresponde a 40.9% dos casos. Dessa forma, notamos que o *dar* é utilizado em seu modelo prototípico, mas a sua natureza polissêmica está ganhando espaço na língua em uso.

Ao pertencer as categorias de verbo pleno, verbo predicador não pleno, verbo suporte, a estrutura *dar uma x-ada* e expressões idiomáticas, vivifica a ideia de que o verbo *dar* possui uma natureza polissêmica. Nessa perspectiva, é importante salientar



que as variações presentes nesse verbo confirmam a ideia de que a língua é um instrumento de comunicação social.

REFERÊNCIAS

- ESTEVES, G. **Construções com DAR + Sintagma Nominal: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples**. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2008.
- HOPPER, P; THOMPSON, S. **A transitivity in grammar and discourse**. *Language*, v. 56, p. 251 – 299, 1980.
- HOPPER, P.; TRAUOGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge University Press, 1993.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **A Gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NEVES. M. H. M. Estudo das construções com verbo suporte em português. In: KOCH, Ingedore Villaça (Org.) **Gramática do português falado. v. VI: Desenvolvimentos**. Campinas. SP: Editora da Unicamp, 1996
- SCHER, A. P. **As construções com o verbo leve "dar" e as nominalizações em -ada no português do Brasil**. Campinas, SP : [s.n.], 2004.
- SILVA, Liliane. Construções Lexicais Complexas com o verbo dar: estruturas de significados ou instrumentos de Construção de sentidos. In: **Estudos Linguísticos**, p. 563-568, 2005.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A gramaticalização dos verbos passar e deixar. In: **Revista da ABRALIN**. Volume VI. Número I. Janeiro/Junho de 2007.